

## **A CULTURA MACUXI ATRAVÉS DO REGISTRO DAS NARRATIVAS ORAIS INDÍGENAS NO ENSINO MÉDIO**

Neuzimara Cruz de Almeida

*Universidade Federal de Roraima – UFRR, Campus Paricarana*

*neuzimara.almeida86@gmail.com*

### **Introdução**

Atualmente, muitas sociedades estão preocupadas em entender e registrar a história oral ou narrativa de seu povo. E com a sociedade indígena não é diferente, isso porque é através das histórias narradas sobre os antepassados é que muitas das tradições ainda são preservadas e vividas no cotidiano na comunidade indígena. Por isso, eu sendo indígena, percebi a importância das narrativas orais como um legado de muita importância para a cultura indígena macuxi, visando o registro para as gerações futuras para que não seja esquecida.

Diante desse contexto, esta pesquisa, que está concluída, teve como objetivos Identificar e registrar as narrativas orais indígenas visando à preservação e valorização destas no contexto escolar, propiciando uma reflexão crítica sobre a própria identidade social e cultural. A pesquisa foi realizada por mim como docente e com a valiosa contribuição dos alunos da 2ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena Índio Gabriel na Terra indígena Raposa Serra do Sol, município de Normandia – RR. Baseamos nos teoricamente nos estudos de Alberti (2005), Brandão (2002), entre outros.

Embora o registro das narrativas ou história oral seja muito desafiador e complexo, algumas sociedades e povos vêm tentando fazer o registro de reconstrução de suas histórias. Para tais, vale mencionar o desaparecimento dos mitos e visão de mundo de comunidades ou povos que ainda têm seus valores culturais, porém sem registro. E isso também se remete aos povos indígenas de nosso Estado e principalmente das comunidades indígenas que mantêm forte contato com as cidades, vilas, ou seja, com

sociedade envolvente (não indígena).

Com isso, a oralidade constitui-se, nos dias de hoje, em um importante campo de investigação histórica. É impossível negar o seu avanço e avanço na historiografia brasileira, cumprindo sua função cada vez mais destacada nos estudos regionais. Como afirma Verena Alberti, o uso da História Oral possibilita o acesso à “histórias dentro da História” (ALBERTI, 2005), visto que as narrativas coletadas serão sempre visões ou versões subjetivas da realidade.

O saber indígena, sempre será transmitido de uma geração para outra, através das narrativas orais para assim fortalecer a cultura tradicional indígena. Segundo Rocha (2006), é por meio das narrativas, que o mito terá sempre um sentido múltiplo e difuso, é através dele que as sociedades exprimem suas contradições, seus paradoxos, dúvidas e inquietações.

Nesse sentido, linguagem e memória são parceiras inseparáveis. A linguagem é a grande mediadora dos processos sociais e sem ela não existiria contato entre o presente e o passado, entre o eu e o outro, entre o individual e o coletivo. É por meio da linguagem, portanto, que se processa o único “resgate” possível do passado, isto é, dos indícios, dos vestígios, dos sinais de um real vivido, sentido, experienciado na narrativa oral.

## **Metodologia**

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, porque visou à valorização/construção de conhecimentos dos moradores da comunidade, onde foram analisados dinamismos da vida de todos da comunidade, que foram apreendidos em depoimentos (narrativas). Estão em foco de investigação os significados, as motivações, os valores, as aspirações, os processos de subjetivação e outros elementos que possam ser considerados como narrativa oral indígena.

A descrição dos processos constitutivos na memória dos sujeitos através de

narrativas constituem uma das práticas discursivas mais importantes. Elas contam histórias sobre nós e o mundo que nos ajudam a dar sentido, ordem, às coisas do mundo e a estabilizar e

fixar nosso eu. O poder de narrar está estreitamente ligado à produção de nossas identidades sociais. (SILVA, 1996).

Nesse sentido, esta pesquisa, também consistiu numa pesquisa etnográfica, pois foi realizada na comunidade com os sujeitos envolvidos nos processos identitários e culturais, somado ao registro das atividades de campo; assim como também a utilização de instrumentos para a coleta de dados com observações simples e participativa, assim sendo importante para a construção de qualquer conhecimento.

### **Resultados e Discussão**

Inicialmente a proposta desta pesquisa foi um grande passo para registrar e preservar as narrativas orais da comunidade indígena Camará, pois o mesmo foi primordial para que outras iniciativas com essa temática fosse desenvolvida na comunidade com o objetivo principal de trabalhar a permanência dos mitos e estudar os elementos da cultura indígena como: religião, dança, música, língua, costumes, cosmologia, curandeirismo, ou seja, dar continuidade a esse trabalho que valoriza a cultura indígena.

Para o desenvolvimento do trabalho, a responsabilidade foi compartilhada entre os alunos da 2ª série do ensino médio, com o acompanhamento da professora. As atividades foram desenvolvidas e divididas em etapas. Na primeira etapa, as atividades foram executadas pelos alunos, mas inicialmente houve a preocupação em conceituar de forma geral, alguns conceitos sobre a identidade cultural e narrativa oral para que esses mesmos conceitos pudessem contribuir na formação de cada um. Isso porque a formação está ligada ainda diretamente à temporalidade, pois pensamentos, metodologias e outras formas de ensino são modificadas ao longo do tempo. Bicudo enfatiza bem essa questão quando destaca que

A formação pode assimilar os modos e os meios da instrução e os meios da instrução e tudo que assimila, nela brota e preserva-se. É, portanto, um conceito histórico, por preservar a tradição, tão importante para as ciências do espírito. É, também, um conceito que engloba mudança, pois carrega consigo a força imperante que

avança do devir para o ser. (BICUDO, 2003)

Isso porque em todo processo formativo há construção de saberes, troca de valores e hábitos. A vida é um espaço amplo de momentos formadores. O sujeito carrega consigo bagagens que são consideradas significativas, que rompem com a reprodução de valores sociais, ideais de vida ou mesmo o método com que foi ensinado durante seu processo de escolarização.

Em seguida, as atividades consistiram nas entrevistas para o levantamento das pessoas que conheciam alguma narrativa, essas entrevistas aconteciam em encontros ou reuniões comunitárias e/ ou escolar. Para assim, depois de ouvir, fazer os registros necessários sobre o tema dentro da comunidade. Vale ressaltar que o trabalho com as memórias de um povo indígena se faz pela transmissão das narrativas que se dá pela oralidade, pois é a tradição oral que se evidencia. No ato de produção, o narrador não deixa de produzir uma versão do ocorrido carregada de subjetividade, pois está impregnada dos anseios e crenças por ele compartilhados.

Para Alberti (2004) a tradição oral só se atualiza no momento da narrativa, em que se determina para quem e como algo é narrado. Isso ocorre por que numa entrevista de história oral é da

experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E, ouvindo-o falar temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais, emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. (ALBERTI, 2005)

Por isso, pode-se dizer que as etnias indígenas resistem à imposição de que suas histórias contadas oralmente seriam expressões do imaginário e da fantasia, afirmando-as como formas de hierarquizar o tempo e o espaço e de reflexão sobre as várias interações

sociais. Portanto, essas histórias, que para muitos são lendas e mitos, em contraposição para as muitas etnias indígenas são as histórias de seu povo e a forma como transmitem orientações sobre e para a vida, sua cultura, sua tradição.

A partir da primeira atividade realizada, foi possível perceber o quanto a narração de histórias emocionam, ao mesmo tempo em que aguça a curiosidade e influencia o gosto pela narrativa, pode-se dizer até que, contribuindo para a formação de novos narradores de história.

Após a apreciação das narrações e dos registros, realizamos uma oficina de leitura e mostra dos resultados obtidos com o registro das narrativas durante as aulas de língua portuguesa. Nessas oficinas durante as aulas, contou-se sobre tudo o que havia sido registrado e, nas oportunidades, apresentaram algumas das narrativas sobre as histórias das tradições indígenas, mitologias, crenças, entre outros. Assim, as narrativas constituem-se em um dos gêneros textuais, pois, como afirma Marcuschi (2002), é fruto de trabalho coletivo, porque os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Como em toda história, percebeu-se que elas têm a ver com a nossa realidade e modo de viver, assim como também retratam todo um processo histórico de constituição identitária dos antepassados. Então, a partir dessas situações, a pesquisa se tornou mais relevante, principalmente para os alunos, pois com a busca pelo registro dessas narrativas que ainda existem e pouco são narradas, pode-se fazer uma relação do passado com o presente, e fazer o registro para que essas memórias não sejam perdidas e que as futuras gerações também conheçam essas narrativas. Por isso a sabedoria indígena deve ser valorizada enquanto está viva dentro dos anciãos, e também devemos estudar e entender

esses valores culturais, para assim fortificá-las dentro da escola e comunidade.

### **Considerações**

Para escrever, falar e discutir sobre o tema do registro das narrativas indígenas, acredito que ainda seja um tema muito complexo, mas agora é uma preocupação desta comunidade, essa primeira iniciativa contribuiu bastante para que todos refletissem na importância de registrar as narrativas que ainda são contadas pelos anciãos. E devido ao crescimento populacional da comunidade, e principalmente com o forte contato com os não indígenas, as narrativas orais indígenas aos poucos estão deixando de ser narradas, e pior, não estão sendo registradas para que as futuras gerações que ainda possam conhecer as histórias, os mitos e as crenças, para assim ter noção de passado e presente de seu povo/cultura, e, assim transmitir as crianças e jovens, conforme afirma o autor: (...) o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo (BRANDÃO,2002, p. 36).

Por isso, para pesquisar e estudar a cultura indígena, principalmente no que se refere às narrativas orais é um desafio para o acadêmico e pesquisador indígena, pois os conhecimentos estão nas comunidades, nos sábios indígenas, nas histórias, nas crenças, nos mitos. E para isso, foi necessário resgatar e buscar o conhecimento da vida tradicional do povo macuxi da comunidade Camará.

A princípio eu não conhecia bem a realidade de minha comunidade apesar de ser moradora há muitos anos. E, para mim, todas essas pesquisas e estudos, fez com que conhecesse a nossa realidade, a nossa cultura, como foi antes e, dependendo muito do presente é que saberemos do futuro. Eis que resultou que tudo isso, resultou em uma pesquisa reflexiva e crítica, para assim valorizarmos, e ao mesmo tempo fortalecer a nossa cultura.

Nesse percurso, constatei que as narrativas assumem, em geral, a função de explicar aspectos diversos referentes à conformação do mundo, dos seres e das coisas. Mas ao mesmo tempo, também fixam algumas normas para o nosso convívio social e também para estrutura da cultura. E desempenham também, a função de entreter, sendo que ainda podem apontar qualidades boas ou más, isso dependendo da situação que está

sendo narrada ou enunciada.

Ressalto aqui que, essa experiência foi boa, pois nos propusermos a registrar as narrativas, assim como também acontecimentos da comunidade Camará, que tem se preocupado com as futuras gerações. E que o resultado dessa pesquisa sobre as narrativas, mitos, lendas tradicionais, possam estimular outros estudos nessa mesma temática, isso no sentido de melhorar essa pesquisa para que isso não possa se perder.

Nesse sentido, percebeu-se um forte movimento de organização social por parte da escola e comunidade, que levou em consideração a necessidade da existência de práticas que visam à transmissão da memória das comunidades de forma que as gerações futuras possam dela usufruir.

E posso concluir que, este trabalho foi importantíssimo para mim como professora, acadêmica e pesquisadora indígena, porque tive o prazer em aprender e conhecer mais sobre a minha cultura, agora me sinto preparada e munida de conhecimentos para contribuir e buscar melhorias na escola em que trabalho e na comunidade em que vivo. Para assim garantir e manter viva cultura através de nossas narrativas orais indígenas, como também a apropriação da linguagem escrita e avanços na aprendizagem. Por isso que, ao registrar suas histórias, os índios postulam posições políticas e ideológicas, que nas narrativas assumem uma dimensão estética garantindo a recriação e ressignificação de suas tradições.

### **Referências Bibliográficas**

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História In: PINSKY, Carla Bassenegi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A formação do professor: um olhar fenomenológico. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org.) Formação de Professores? Da incerteza à compreensão. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BRANDÃO, Junito de Sousa. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise e gêneros de compreensão. São Paulo: Parábola. 2008

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 4ª.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

ROCHA, Everardo. O que é mito?. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOUZA, Carla Monteiro de. “Memória e Oralidade: Entre o Individual e o Social”. Revista de Filosofia e de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima. Nº 12, junho, 2007, p.07-13.